

DÚZIA

12 ANOS DE DIVERGÊNCIA

ANA C. REIS

ANA RITA GARCIA

BENILDE GAIÃO

JÚLIA DURAND

LILIANA DUARTE PEREIRA

LUÍS FILIPE SILVA

MARIA ROQUE MARTINS

NUNO ALMEIDA

NUNO AMARAL JORGE

NUNO FERREIRA

NUNO GONÇALVES

PEDRO CIPRIANO



Editorial Divergência

Setembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Dúzia

Autores: Ana C. Reis, Ana Rita Garcia, Benilde Gaião, Júlia Durand, Liliana Duarte Pereira, Luís Filipe Silva, Maria Roque Martins, Nuno Almeida, Nuno Amaral Jorge, Nuno Ferreira, Nuno Gonçalves, Pedro Cipriano

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Arlete Gomes

Revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Rodrigo Carvalho

ISBN: 978-989-9306-90-5

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype, TT Modernoir e Charmonman

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Ana C. Reis, Ana Rita Garcia, Benilde Gaião, Júlia Durand, Liliana Duarte Pereira, Luís Filipe Silva, Maria Roque Martins, Nuno Almeida, Nuno Amaral Jorge, Nuno Ferreira, Nuno Gonçalves, Pedro Cipriano

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela
União Europeia**
NextGenerationEU

ÍNDICE

PREFÁCIO PEDRO CIPRIANO	9
AS DOZE VIDAS DE OFÉLIA ANA C. REIS	13
RUA DA MEMÓRIA, NÚMERO DOZE ANA RITA GARCIA	45
DAMNATIO MEMORIAE, A CONDENÇÃO DA MEMÓRIA BENILDE GAIÃO	59
UMA DÚZIA DE OVOS JÚLIA DURAND	71
PONTAS SOLTAS LILIANA DUARTE PEREIRA	79
AS VARIAÇÕES EUCARIÓTICAS LUÍS FILIPE SILVA	89
PESCAR MEMÓRIAS MARIA ROQUE MARTINS	115
ÆTHELSÜNG NUNO ALMEIDA	123
OS 12 TOMOS NUNO AMARAL JORGE	161
TEM FOME NUNO FERREIRA	193
CORAÇÃO DE DEZEMBRO NUNO GONÇALVES	203
AS DOZE BADALADAS PEDRO CIPRIANO	217

PREFÁCIO

A 19 de Fevereiro de 2013 nascia a Editorial Divergência, uma pequena semente cuidadosamente lançada por dois amigos que adoram livros.

Nada me preparou para a jornada destes 12 anos que se seguiram. Já fomos uma cooperativa, empresários em nome individual e, agora, fazemos parte de uma empresa maior.

Mais de 100 livros publicados e mais de 200 autores nacionais e estrangeiros. Fundámos 6 chancelas e os nossos autores chegaram a quatro países, número que irá crescer este ano. Somos lidos por dezenas de milhares de leitores por toda a Europa, e até fora dela. E queremos continuar este caminho em nome de todos os autores que precisam de uma oportunidade e de todos os leitores que procuram boa e variada literatura e ficção especulativa em português.

Para honrar quem fez da Editorial Divergência o que ela é hoje, escolhi 11 autores e autoras para escreverem sobre o número 12. Sobre a dúzia, se preferirem, já que fica mais barato! A eles juntei um conto da minha autoria, eu que alimento a minha fome de leitor também com a escrita. São doze abordagens distintas, tanto de géneros como de temáticas,

que provam a qualidade da ficção especulativa em português, em Portugal.

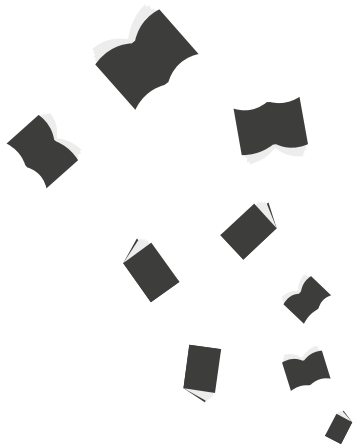
Pensem neste livro como um menu de degustação que vos abrirá o apetite para outras leituras, especialmente destes autores e autoras que recomendo, pois, sendo já extremamente relevantes no mundo literário, só precisam da vossa ajuda para serem mais conhecidos, ao lerem-nos.

Este livro é uma ode de agradecimento aos nossos autores; aos nossos leitores; à nossa equipa, tanto passada como presente; aos influencers que promovem o nosso trabalho; aos organizadores dos eventos onde mostramos os nossos livros; aos parceiros que tornam a nossa vida mais fácil através das relações de ajuda mútua; às gráficas que trabalham ou já trabalharam connosco; e a todos os nossos fornecedores que nos ajudam a continuar a fazer o que sabemos fazer melhor.

A todos, um obrigado do fundo do coração, sem vocês não teria sido possível chegar onde chegámos.

Espero que gostem e desejo-vos boas leituras,

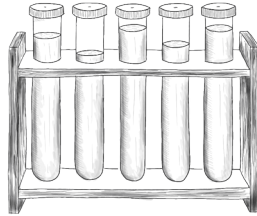
Pedro Cipriano



ANA C. REIS

Licenciada em Biologia Marinha, mestre em Comunicação Científica e doutorada em Engenharia do Ambiente, Ana C. Reis é uma curiosa incurável que não resiste em combinar ciência com ficção especulativa. Expatriada desde 2009, viveu um pouco por toda a Europa antes de chamar a Nuremberga de casa. Atualmente, divide os dias entre a redação de conteúdo científico, momentos de brincadeira com as suas gémeas, jantares tranquilos à luz das velas com o marido e alguns momentos roubados à correria do dia a dia para se dedicar ao seu próximo livro.

Participou com os seus contos nas antologias *Uma Década de Divergência* e *Os Medos da Cidade*, da Editorial Divergência.



AS DOZE VIDAS DE OFÉLIA

Ofélia voltava à igreja sempre que morria.

Não porque a ideia da salvação a reconfortasse, mas porque a ameaça de um eterno inferno lhe parecia infinitamente mais tolerável que a dor atroz da ressurreição.

Contemplou o discreto auditório que servia de templo à Igreja Baptista. As paredes brancas e despidas contrastavam com a indumentária colorida da sua congregação. Tentou disfarçar o sabor a cinzas com um gole de café barato e deixou-se afundar na desconfortável cadeira de plástico, fundindo-se com a multidão. O caso que tinha consumido grande parte do último ano da sua vida estava encerrado. Talvez estivesse na hora de voltar a dormir até ao meio-dia, aos fins de semana.

O pastor, já na meia-idade, com calças beges, camisa azul e sapatos castanhos gastos para além do aceitável, dissecava a parábola dos talentos, debaixo de um trio de holofotes ofuscantes.

Irónico, pensou.

Talvez o Deus que se revelava em púlpitos a multidões extasiadas lhe tivesse dado a vida. Mas, desde então, Ofélia tinha-a multiplicado por doze. Um talento que esperava ter usado pela última vez.

Na próxima vez, queria morrer de velhice numa cama confortável rodeada de almofadas macias e enroscada num edredão. Queria que o seu corpo estivesse desgastado para além de qualquer tentativa de ressurreição. Queria finalmente quebrar o ciclo que havia começado ao pisar uma mina durante a guerra.

Quando o pastor havia pintado a ideia do inferno cristão de forma suficientemente vívida na mente de Ofélia, ela escapuliu-se sem olhar para trás.

Os ouvidos, ainda sensíveis após a violência da sua última morte, agradeceram. Lá fora, a normalidade de uma manhã de domingo envolveu-a como um bálsamo.

A poucas semanas do Natal, o céu limpo e o sol tímido tinham deixado as ruas de Viana do Castelo repletas de gente. Avós e netos caminhavam de mãos dadas pela calçada, entrelaçados em conversa animada. Vendedores ambulantes tentavam apelar aos transeuntes, desatentos, que tinham deixado as compras para a última hora. Casais, envoltos em abraços despreocupados, aqueciam-se com copos de vinho quente, um costume importado de países germanófonos que, nos últimos anos, tinha conquistado um lugar especial nos invernos rígidos da sua cidade.

Ninguém suspeitava que a cidade estivera a pouco de se transformar num campo de batalha.

Ofélia sentou-se num banco de jardim e respirou fundo, deixando que o ar gelado limpasse os seus pensamentos. O caos do último ano parecia tão distante. Podia habituar-se a esta paz.

O alarme do telemóvel soou, interrompendo o momento. Com um suspiro, Ofélia retirou uma pequena caixa do bolso, pegou em dois comprimidos e engoliu-os, com um trago do café frio que ainda trazia nas mãos.

Era irónico, pensou, como o seu corpo persistia na sua incessante guerra privada, atacando tecidos saudáveis,

corroendo-a de dentro para fora. Sem medicação, Ofélia não sobreviveria mais do que uns escassos meses. Uma lembrança constante de que a sua fragilidade era uma adversária mais cruel que qualquer criminoso.

— Bem-vinda de volta, Inspetora Malafaia!

Henrique materializou-se ao seu lado com o habitual cabelo desgrenhado e a barba de três dias.

— Inspetor Torres — respondeu Ofélia, com um sorriso leve nos lábios.

— Desculpa ter perdido a tua gloriosa ressurreição — sussurrou, imitando o tom solene do pastor, o segredo que apenas ele conhecia.

Deslizou uma caixa de cartão para as suas mãos, Ofélia abriu-a sem cerimónia e abocanhou os ovos moles como se já não comesse há décadas.

— Muito engraçado — murmurou entre bocados, percebendo que a caixa estava repleta de uns e dois.

— Tive de subornar um pasteleiro para os conseguir. Bom apetite — disse, acendendo um cigarro.

De todos os maus vícios que a guerra lhe tinha pegado, o tabaco era o mais detestável de todos.

— És servido? — perguntou Ofélia, erguendo um dos doces na direção dele e sabendo muito bem qual seria a resposta.

— Preferia lamber asfalto, obrigado.

— Não sabes o que perdes!

— O que perco é respeito por ti, sempre que te vejo a comer essa porcaria.

Ofélia riu e as suas costelas rangeram em protesto. Tinha conhecido Henrique quando ambos, no auge da sua rebeldia, fugiram de casa para se alistar no exército. Ela, determinada a escapar às expectativas sufocantes dos pais; ele, em busca de uma vida melhor. Embora nunca o admitisse, Ofélia tinha sido, sem sombra de dúvida, a mais idiota dos dois.

— A tua mãe ligou — comentou Henrique, casualmente, recostando-se no banco e tragando o cigarro.

Ela franziu o sobrolho, desconfiada.

— O que lhe disseste?

— Que me estavas a ajudar a polir o carro.

— Imagino que tenha ficado radiante — disse Ofélia, secamente.

— Penso que a ouvi a espumar de raiva. Perguntou por que diabos eu não contratava um mecânico.

Ofélia bufou, mas não conseguiu evitar um sorriso cansado. Era quase um progresso o facto da sua mãe não ter comentado o quão degradante era para uma mulher sujar as mãos com algo assim.

— O que é que ela queria afinal?

— Lembrar-te que hoje é a Gala de Beneficência e que ela não espera outra coisa senão a tua presença. Ah, e que uses o vestido vermelho que enviou. Fiz questão de o resgatar do caixote do lixo e de o mandar lavar — replicou, mergulhando a mão no bolso do casaco e pescando de lá o recibo.

— A tua devoção à causa é comovente, Henrique — disse Ofélia, guardando o recibo no seu bolso.

Ele levantou-se e fez uma vénia exagerada.

— Tudo por um bar aberto, minha querida. Além disso, merecemos celebrar, não achas?

Ofélia sorriu e levantou-se com esforço, agarrando o braço que Henrique lhe estendia. O som de um grito rompeu a calma matinal, ecoando pela calçada e paralisando-os por um instante.

Instintivamente, Ofélia levou a mão à cintura, praguejando baixinho ao lembrar-se de que tinha deixado a sua arma em casa. Trocou um olhar tenso com Henrique, que assentiu em silêncio. Juntos, avançaram cautelosamente na direção da comoção.

À medida que se aproximavam, a multidão começava a dispersar, transformando cada passo numa luta contra a

corrente. Um idoso pálido e trêmulo puxava uma criança pela mão, apressando-se na direção oposta. Um jovem carregava nos braços uma mulher desmaiada, o rosto marcado pelo desespero.

Os gritos intensificaram-se.

Então, Ofélia viu-os.

Um casal jovem, ele apenas de calções, ela de minissaia e top, cambaleavam descalços no meio da rua, murmurando entre si palavras incompreensíveis.

Mas não eram os murmúrios que causavam o horror, nem mesmo os olhos vermelhos e o sangue que manchava as suas roupas e mãos. Era o braço desmembrado que ambos disputavam.

— Parem! Polícia! — gritou Henrique, apontando a arma.

O grito espantou o resto da multidão que assistia, em choque, à cena. No momento de confusão que se seguiu o homem arrancou o braço das mãos da jovem mulher.

— Para! — voltou a gritar Henrique, aproximando-se a passos rápidos.

Antes que Henrique o alcançasse, num movimento rápido e grotesco, o homem afundou os dentes na carne rasgando um pedaço.

Henrique apontou a pistola e disparou.

A Diretora, deslumbrante de fato branco e camisa verde-esmeralda, num estilo que só ela poderia usar sem receios, folheava relatórios e murmurava instruções ao seu assistente. O cabelo preto, preso num coque rígido, não deixava margem para dúvidas sobre quem comandava a sala.

Ofélia e Henrique deslizaram pela porta entreaberta, os últimos a chegar. A sala de reuniões transbordava: cadeiras ocupadas, agentes encostados às paredes, e um calor sufocante que misturava os cheiros a café instantâneo e cigarros.

Uma gota de suor percorreu a nuca de Ofélia, à medida que avançava para o canto mais discreto da sala, tentando fundir-se com as sombras.

A poucos passos do seu refúgio, os murmúrios cessaram e todos os olhares convergiram em Ofélia como traças atraídas pela luz. Por um instante, ela hesitou sob o peso da atenção. Então, inesperadamente, aplausos e assobios romperam o silêncio, ecoando pela sala com uma intensidade que a fez estremecer.

A Diretora ergueu os olhos, reconhecendo-os com um aceno breve. O seu assistente, um jovem de caracóis negros e espessos óculos de massa, lutava visivelmente com a tecnologia antiquada do projetor. Finalmente, após alguns ajustes, a imagem ganhou forma, na parede encardida.

Doze rostos imóveis e acusatórios surgiram, banhados pela luz amarelada do projetor.

— Às 19 horas da passada sexta-feira — começou a Diretora, num tom que cortou o murmúrio e os aplausos —, a equipa liderada pela Inspetora Malafaia e pelo Inspetor Torres desmantelou a base de operações da rede de traficantes de Necro, no distrito portuário. Esta operação clandestina, responsável pela mais recente onda de vandalismo, canibalismo e overdoses, estava a usar o porto de Viana como ponto de entrada para a distribuição de Necro na Europa.

O silêncio que se seguiu foi pesado, apenas interrompido pelo leve zumbido do projetor.

Ofélia sentiu um arrepião ao rever as imagens da base de distribuição, que tinha ficado irreconhecível após a explosão que a tinha matado.

Necro, um estimulante sintético, criado em laboratórios militares, para fortalecer soldados comuns, era um legado da guerra que nunca devia ter sobrevivido.

E, no entanto, ali estava, infiltrando-se como um veneno nas ruas de Viana do Castelo.

— Os cabecilhas da organização foram presos esta madrugada e encontram-se, de momento, a ser interrogados — continuou a Diretora. — Conto com todos para atar as pontas soltas deste caso. E parabéns mais uma vez, Inspetores, não são todos que podem dizer ter apreendido indivíduos sob a influência de Necro, antes do almoço de Domingo.

A sala explodiu de novo em palmas e assobios.

Ofélia esboçou um sorriso e olhou para Henrique, que mantinha uma expressão neutra. Sabia que partilhavam a mesma dúvida, o mesmo cansaço. O caso estava, para todos os efeitos, encerrado.

Mas embora a rede estivesse desmantelada, ainda faltava o árduo trabalho de retirar Necro das ruas. E ninguém saberia dizer quanto tempo iria demorar até que a cena daquela manhã deixasse de se repetir.

— Inspetora Malafaia? — Uma voz ecoou pelo corredor, quando Ofélia se dirigia para a saída.

Ela virou-se, avistando o perito forense que se juntara à equipa, há pouco mais de um mês. Um especialista enviado da Alemanha, com ascendência portuguesa. Ainda vestia a bata branca, com as mangas arregaçadas, revelando braços musculados, tatuados com intrincados padrões Maoris.

A barba ruiva, espessa, e a altura imponente davam-lhe uma presença que contrastava com o ambiente austero da unidade. Ofélia demorou um segundo a recordar-se do seu nome.

— Hans, tudo bem? — perguntou, com uma expressão neutra.

— Inspetora...

— Por favor, chama-me Ofélia. Podes acompanhar-me até ao carro? Estou com pressa.

Ele hesitou por breves instantes, mas assentiu, deixando escapar um sorriso que suavizou as feições cansadas. Ofélia notou como os seus ombros relaxaram ao ouvir a informalidade.

Hans parecia tão exausto quanto ela se sentia. Imaginava que os peritos, enterrados em testes e relatórios, deviam ter tido ainda menos descanso do que os analistas e inspetores no terreno. Como é que o Hans arranjava tempo de ir ao ginásio e manter aquele físico era algo que lhe escapava à compreensão.

— Certo, Ofélia — respondeu, a palavra saindo com cuidado, como se precisasse de se habituar ao som. Ela achou a atitude refrescante.

Caminharam lado a lado, com Ofélia a esforçar-se para manter o passo acelerado do gigante arruivado.

— Estivemos a analisar o último carregamento de Necro — começou, num tom sério com um sotaque nortenho quase perfeito. — E há um problema. Não é o mesmo lote que está a ser distribuído nas ruas recentemente.

Ofélia franziu o sobrolho.

— Como assim?

— A droga apreendida na sexta-feira é a molécula que conhecemos. Mas algumas das apreensões mais recentes são uma versão modificada.

— Misturada com outras substâncias? — perguntou, já a antecipar as explicações habituais.

Hans abanou a cabeça, hesitante.

— Não. As mudanças vão muito além da química caseira. — Fez uma pausa, procurando as palavras certas. — Alguém que sabe exatamente o que está a fazer anda a experimentar com o processo de síntese.

Ofélia cruzou os braços, apoiando-se na porta do carro.

— Queres dizer que estamos a lidar com um químico com formação superior? — indagou, sentindo o alarme interno que nunca a abandonava a intensificar-se.

— É o que parece. Esta modificação certamente fará o processo de síntese mais caro, porque exige percursos que

são altamente regulados e difíceis de conseguir. Seja qual for a intenção, de momento não podemos prever as consequências destas alterações.

Na mente de Ofélia, imperava a sensação de que a guerra abria uma porta que nunca se poderia fechar.

— Envia-me o relatório assim que estiver pronto — disse, endireitando-se. — E, Hans... mantém-me informada de qualquer coisa que descubras.

Com a investigação na mão dos peritos forenses, não havia nada que ela pudesse fazer. E isso inquietava-a mais do que queria admitir. A ideia de uma nova geração de Necro não era a notícia que ela esperava, depois de um ano inteiro a dismantelar a rede de tráfico mais vasta da Península Ibérica.

Ofélia observou-se ao espelho com atenção, tentando esquecer o trabalho por momentos. A sua mãe podia ser antiquada, e manter uma conversa sã com ela, por mais do que alguns minutos, podia ser praticamente impossível, mas se havia algo que a mulher sabia era como vestir bem.

O vestido vermelho longo deslizava pelos seus ombros, deixando-os à mostra com elegância. Um corpete discreto abraçava-lhe a cintura de forma delicada e uma racha estratégica revelava a perna esquerda, acentuando-lhe as curvas.

Ofélia não se lembrava da última vez que se sentira assim. Talvez fosse o facto de ter passado grande parte da sua vida adulta entre fatos pretos e uniformes.

Por um instante, pensou em calçar as suas *Doc* pretas, uma provocação que faria a sua mãe ranger os dentes. Mas, no final, cedeu e deslizou os pés para os saltos altos prateados que combinavam com os brincos pendentes. Vestiu o casaco de pelo branco e voltou a olhar-se. Com o cabelo apanhado e os acessórios, a semelhança com a sua mãe era inegável. A ideia causou-lhe um nó no estômago.

Sabia que, algures a meio da noite, os seus pés amaldiçoariam a escolha dos sapatos. Mas, por agora, sentia-se estranhamente bem.

Apanhou um Uber e dirigiu-se à sede da farmacêutica Malafaia. O edifício, um cubo negro imponente, destacava-se contra o céu alaranjado do entardecer. Vinte andares de laboratórios, escritórios e salas de reuniões que Ofélia conhecia como a palma das suas mãos.

À entrada, uma multidão de convidados em trajes elegantes confluía como uma maré para a porta principal, sorrindo e posando para as câmaras. Ofélia não se juntou a eles. Contornou o edifício, dirigindo-se às traseiras. Havia alguém que queria encontrar primeiro.

O guarda na entrada de serviço reconheceu-a de imediato e acenou para que passasse.

O escritório do seu pai, no vigésimo andar, era uma obra-prima de *design* moderno. Ocupava metade do piso, adornado com sofás de couro negro, pinturas surrealistas de tons ousados e esculturas abstratas que pareciam desafiar a gravidade. Um *designer* italiano tinha passado meses a estudar a luz natural do edifício, para criar um ambiente que misturava poder e elegância.

Mas, claro, o seu pai raramente usava o espaço.

Optou por começar a sua busca pelo quinto andar. Era ali que estavam os laboratórios mais antigos e menos sofisticados, aqueles que não eram exibidos nas *tours* de investidores.

Caminhando pelos corredores frios e iluminados por luzes fluorescentes, ouviu uma voz abafada. Reconheceu-a de imediato.

Deslizou pela porta silenciosamente e encostou-se à parede, vendo o seu pai trabalhar. Vestia a bata branca por cima do *smoking* preto. Debruçado sobre o microscópio, tirava notas e falava com um dos seus investigadores. O homem, de óculos e bigode virado para cima, era-lhe vagamente familiar. Talvez o reconhecesse de uma das inúmeras festas e jantares da empresa, mas o nome escapava-lhe.

— Conseguimos perceber o que está a causar a necrose no tecido pulmonar? — perguntou o seu pai.

— Recolhemos amostras, devemos ter os resultados da sequenciação do ARN durante a próxima semana — respondeu.

Ofélia sabia bem como funcionava o mundo das grandes farmacêuticas: estudos pré-clínicos e clínicos subcontratados a pequenas empresas de biotecnologia, laboratórios dispersos em várias partes do globo. Mas o pai sempre fora diferente. Ele não vivia sem se perder nos detalhes de uma investigação. Apesar de todas as oportunidades para expandir o grupo, recusava-se a externalizar o trabalho que amava.

Ofélia bateu levemente na porta.

O pai ergueu a cabeça, surpreso, e assim que os seus olhos a encontraram, um sorriso imenso iluminou-lhe o rosto, dissipando por momentos o cansaço evidente.

— Ofélia! — exclamou, despedindo-se do investigador e aproximando-se. — Não tinha a certeza se ias aparecer.

— Não podia perder a oportunidade de te ver a esconder-te da mãe — disse, com um sorriso travesso. — Ela sabe que estás aqui?

Ele soltou uma gargalhada e puxou-a para um abraço apertado. Ofélia, que não dormia há dias, não queria mais nada a não ser afundar-se nos seus braços, recordando-se de todas as vezes que o pai a carregara para a cama, sempre que ela insistira em ficar na sala à sua espera.

— Estás mais magra, filha — comentou, apertando-a mais. — Tens andado a alimentar-te bem?

— Já te disseram que és um pai galinha? Eu sou adulta, lembras-te?

— E eu sou teu pai. Lembras-te? — rebateu ele — Ainda tens a tua dose de cortisóis? Tens tomado todos os dias? E a fadiga como anda? Essas olheiras não são bom sinal. Se o medicamento te cansar mais do que o habitual tens de me

avisar. Se me deres uns minutos recolho-te uma amostra de sangue para confirmar.

Ofélia desencostou a cabeça do ombro do pai e riu às gargalhadas. Tivera saudades da torrente de perguntas, mais do que algum dia iria admitir.

— Posso pelo menos tomar um café? — perguntou, divertida.

O café que o seu pai preparava era, provavelmente, dos melhores que Ofélia já provara. Por mais ocupado que estivesse, ele nunca abdicava do sagrado ritual: triturar grãos frescos e medir religiosamente a quantidade exata para a sua *moka* favorita, que certamente tinha já acumulado mais de 15 anos de serviço.

Para o seu pai, a qualidade do café era diretamente proporcional à produtividade científica. Por isso, cada andar do prédio estava equipado com *mokas*, trituradores de grãos e placas elétricas, além de cartazes meticulosamente criados para explicar o método ideal de preparação. Apenas recentemente, após muita insistência, tinha concordado com a instalação de máquinas *Nespresso*.

Ela segurou a chávena com ambas as mãos, sentindo o calor reconfortante espalhar-se pelos dedos. Embora tivesse herdado do pai o gosto pelo café e a curiosidade incessante, nunca fora capaz de o beber sem um toque de leite vegetal. Para ela, o ritual só fazia sentido se pudesse saborear a bebida lentamente, em grandes goladas.

O pai olhou para ela com falsa reprovação.

— Café com leite ao fim do dia? — ergueu uma sobrancelha.

— Um expresso duplo depois das quatro da tarde? — ripostou Ofélia, sorrindo.

Ambos riram, a gargalhada quebrando, ainda que por um momento, o cansaço que pairava no ar.

— Pai, estás bem? — perguntou ela, a voz hesitando entre a preocupação e a tentativa de casualidade.

Não podia ignorar como ele parecia exausto. O cabelo negro, que em tempos fora espesso e vibrante, estava agora salpicado de brancas que pareciam multiplicar-se de cada vez que o via. Uma pontada de culpa apertou-lhe o peito. Havia passado tanto tempo absorta no seu próprio trabalho que se esquecera de ligar.

Ele suspirou, passando a mão pelo rosto como se tentasse afugentar um fantasma.

— Tem sido um mês difícil, minha querida — admitiu, a voz baixa e cansada. — Mas não quero aborrecer-te com detalhes.

Ofélia pousou a chávena sobre a mesa, cobriu a distância que a separava do pai e envolveu-o num abraço apertado. A vontade de voltar a falar sobre a reforma passou-lhe pela cabeça, mas mordeu os lábios ao recordar-se da última conversa que tiveram sobre o assunto.

Ele caminhava a passos largos para os seus setenta anos, e, ainda assim, recusava-se a deixar a farmacêutica nas mãos de outra pessoa. A empresa era a sua vida, e qualquer menção à reforma era recebida como uma afronta.

Ofélia afastou-se um pouco, estudando-lhe o rosto por um instante antes de decidir mudar de tema. Depois de meses sem se verem, a última coisa que queria era reacender uma velha discussão.

— Talvez precisas de uma distração — sugeriu ela. — A nossa equipa de peritos identificou uma nova geração de Necro a circular nas ruas.

Sabia que estava a quebrar regras ao partilhar informação confidencial com o pai, mas se o caso envolvia química avançada, não havia melhor pessoa do que Artur Malafaia para os ajudar a chegar ao fundo da questão.

O pai arqueou uma sobrancelha, e uma leve sombra de receio cruzou-lhe as feições antes de se recompor. Os olhos

brilharam então de curiosidade, o cansaço rapidamente esquecido. Não importava quantos anos passassem, atirar-lhe um enigma continuava a ser a forma mais eficaz de capturar a sua atenção.

Ofélia sabia disso porque era precisamente igual.

— Suponho que não estejas autorizada a partilhar detalhes, mas o que queres dizer exatamente? — perguntou.

— O nosso perito forense mencionou que um químico experiente anda a alterar o processo de síntese, disse que a nova molécula precisa de mais componentes regulados. Achas que alguém poderia fazê-lo aqui, em solo português?

O seu pai coçou a barba rala e tomou o seu expresso duplo de um só gole.

— Suponho que teria de ter acesso a um laboratório de química orgânica com as mínimas condições. Mas não te poderia dizer sem estudar a molécula e tentar deduzir o processo de síntese.

— Poderias fazê-lo apenas com a fórmula química?

— Não sem uma amostra.

— Quanto precisas?

— Uns miligramas seriam o suficiente para um estudo preliminar de cristalografia. Mas suponho que não me possas dispensar tanto produto.

— Não sem te contratarmos como consultor externo e muito menos sem assinares um acordo de confidencialidade. Dá-me uns dias para falar com a Diretora, tenho a certeza de que ela vai perceber o valor da tua opinião.

No dia seguinte, a sua cabeça latejava ferozmente.

Ofélia grunhiu, arrastando-se para fora da cama com esforço. Fechou as cortinas que havia deixado abertas na noite anterior e suspirou aliviada ao mergulhar na semiescuridão. Escorregou até ao chão, encostando-se à parede e tentando recuperar o fôlego.

Foi então que percebeu que algo estava errado. Como é que ela tinha chegado a casa? O que é que acontecera depois da conversa com o pai?

Olhou para o chão, e o coração disparou. O seu casaco de pele, branco, e o vestido estavam arruinados, cobertos de manchas de pó e tinta fosforescente. No meio da confusão, destacavam-se umas calças castanhas e uma camisa que, sem dúvida, não lhe pertenciam.

Levou a mão à boca, sufocando um grito. Levantou-se devagar, os movimentos cautelosos ao espreitar para a cama.

Um gigante arruivado respirava tranquilamente, semi-despido entre os seus lençóis. O peito musculado coberto de tatuagens, um quadro intrincado interrompido apenas por uma feia cicatriz do lado esquerdo.

Ofélia afundou-se novamente no chão, o rosto quente de vergonha. O que diabo tinha acontecido?

Gatinhou pelo chão, arrastando-se em direção à porta. No caminho, abriu a gaveta do guarda-roupa o mais silenciosamente possível, tirando um par de meias, cuecas limpas e uma t-shirt. Ao fechá-la, aplicou mais força do que devia, e algo por cima do móvel abanou e caiu com um som seco.

Hans mexeu-se na cama, soltando um grunhido abafado. Ofélia congelou, o rosto quase colado ao chão, rezando para que ele não acordasse.

— Ofélia, o que estás a fazer aí? — A voz rouca soou.

Ela cobriu a cara com as mãos, rezando apenas para que o soalho a engolisse.

Ofélia esforçava-se para parar de olhar fixamente para Hans, que se movia pela sua cozinha com uma familiaridade que ela própria nunca sentira naquele espaço. O aroma a ovos escalfados, pão fresco, e tomates maduros temperados com

um toque de vinagre e salsa fazia-lhe lembrar o quão faminta estava.

A noite anterior voltara-lhe em fragmentos pequenos e cada vez mais embaraçosos.

Lembrava-se de ligar a Hans e de pedir-lhe para falar com o seu pai sobre a nova forma modificada de Necro. De descer para a Gala com ambos. Do bar aberto. De dançar com Henrique e Hans debaixo dos olhares furiosamente reprovadores da sua mãe.

Em algum momento, já com demasiados copos de sangria no organismo, tinha decidido que era uma excelente ideia ir a uma *rave* clandestina com Hans, a um domingo à noite.

Massajou as têmporas praguejando baixinho.

— Aqui tens — disse Hans, colocando-lhe um prato com um aspeto absolutamente divinal à frente.

— Onde aprendeste a cozinhar? — perguntou Ofélia, ansiosa para desviar a conversa da noite anterior.

— Com o meu pai.

— Pensava que o teu pai era alemão.

— Estás a insinuar que os alemães não sabem cozinhar?

Ofélia engasgou o riso num gole de café.

— Não foi isso que quis dizer...

Hans deu uma gargalhada, antes de continuar.

— O meu pai concordaria contigo. Ele é suíço-italiano.

— E a tua mãe é portuguesa? — Ele anuiu. — Como é que foste parar à Alemanha?

— É uma longa história, explicada por um divórcio e a união da minha mãe com um tipo alemão simpático de Hannover que, curiosamente, não sabe cozinhar. — Piscou-lhe o olho.

Ofélia respirou fundo, tentando ganhar tempo para pensar em como abordar o elefante na sala.

— E vieste para Portugal em busca de *raves*? — Mal lhe saiu a pergunta da boca, teve vontade de trincar a língua.

Hans riu-se com o corpo todo, numa gargalhada gutural que a fez corar.

— Costumava tocar em *raves* por toda a Europa, quando era adolescente. Portugal foi onde passei as *raves* mais memoráveis da minha vida. Sempre quis voltar, por isso e pelo mar, claro.

— E em que momento é que achaste que ser perito forense era uma boa escolha de carreira?

Ele riu-se um pouco mais e levou uma fatia de pão com tomate e ovo à boca, olhando-a com a expressão de quem não pensava responder à pergunta. Ofélia supunha que era justo, não se conheciam assim há tanto tempo e ainda havia algo de que precisavam falar.

— Ouve, sobre ontem à noite...

O telemóvel de Hans começou a vibrar naquele instante, desviando a atenção de ambos. O nome do seu chefe apareceu no ecrã.

— Desculpa, tenho de atender.

— Força — respondeu Ofélia, aliviada pela distração.

— Sim? — disse Hans, atendendo a chamada.

Ofélia podia ouvir as palavras abafadas do interlocutor, mas não podia discernir o que dizia. Hans franziu o sobrolho.

— Certo. Vou já para aí.

Ele desligou e voltou-se para ela. O olhar sério suavizou-se ligeiramente, quando os seus olhos se cruzaram.

— Ofélia, pegaste no telemóvel hoje?

O coração dela acelerou. Levantou-se apressadamente e foi até à carteira que usara na noite anterior. Vasculhou o interior até encontrar o telemóvel, que estivera em silêncio durante quase toda a manhã.

Quando viu o ecrã, sentiu o sangue gelar. Tinha vinte chamadas perdidas da mãe, dezenas de Henrique e outras tantas da Diretora. Nenhuma do seu pai. Um nó formou-se no seu estômago.

— Hans, o que é que aconteceu?

O seu pai estava em coma induzido, quando Ofélia saiu do hospital.

A julgar pelos olhos vermelhos e pelo estado geral de psicose em que fora encontrado, tinha sido injetado com uma dose elevada de Necro.

Ela queria estar lá quando ele acordasse, mas os gritos da mãe ainda ecoavam na sua mente.

Tinhas de o arrastar para a tua guerra, não tinhas?

A enfermeira mal conseguira intervir a tempo de evitar que a sua mãe a golpeasse uma segunda vez.

Ofélia nunca imaginara que ela chegaria àquele ponto. Ainda assim, não respondera. Aceitou o insulto e virou-lhe as costas, engolindo o nó de culpa que lhe pesava no peito. Talvez, no fundo, merecesse aquilo.

Agora, de volta aos laboratórios Malafaia, o espaço parecia um cenário de guerra. Os analistas já tinham processado o local, mas o caos permanecia evidente.

Ofélia caminhou com cuidado entre os vidros estilhaçados, tentando controlar a ânsia crescente. Passou por uma bancada parcialmente queimada, com equipamento destruído.

O Henrique e a Diretora aguardavam junto à área central do laboratório.

— Insetora — cumprimentou a Diretora, acenando brevemente antes de se voltar para dar instruções à equipa de peritos, que começava a recolher os instrumentos para os levar de volta à sua unidade da Polícia Judiciária.

Ofélia retribuiu o gesto com um movimento da cabeça, respirando fundo antes de se aproximar mais da cena.

Do seu lado esquerdo, os sinais de luta eram evidentes. Equipamentos revirados, manchas de sangue nas paredes, cadeiras tombadas. O silêncio pesado no local fazia cada passo seu parecer ensurdecador.

Então, viu a poça de sangue.

Ofélia parou e agachou-se. O líquido escuro e seco que manchava o chão marcava o local onde o pai fora encontrado. O estômago revirou-se ao pensar nele ali, sozinho e vulnerável.

Henrique aproximou-se devagar, sabendo que ela precisava de um momento.

— Ofélia, porque não vais para casa?

— Há quantos anos me conheces, Henrique?

Ele coçou a nuca antes de responder.

— Ouve, eu sei que te sentes mais útil estando no terreno, mas talvez a tua família precise de ti.

— A minha mãe deixou claro que não me quer ver. Pedi às enfermeiras para me ligarem se houvesse alguma alteração no estado do meu pai. Podemos concentrar-nos no local do crime? Já acedeste ao sistema de videovigilância?

Henrique suspirou e abanou a cabeça, sabendo que era impossível convencê-la a descansar. Ofélia dormiria depois de apanhar os canalhas que tinham feito aquilo ao seu pai.

— Quem quer que tenham sido, eram profissionais. Traziam *Glocks* e *AK-47*. Sabiam bem onde estavam as câmaras e suspeito que sabiam a que horas era a mudança de turno.

Ofélia acenou.

— Levaram algo?

— Segundo os peritos e os técnicos de laboratório da empresa, levaram bastantes reagentes químicos.

— Alguma substância regulada?

— Várias.

Ofélia fixou Henrique, sentindo o coração apertar. Temia o que ele fosse dizer a seguir.

— Alguma substância que possa ser usada na síntese de Necro? — perguntou, tentando manter a voz firme.

— A equipa de peritos ainda está a investigar essa possibilidade — respondeu Henrique, medindo as palavras.

— Mas tu achas que vão confirmá-la, certo? — insistiu, cruzando os braços. — Porquê, Henrique?

Ele suspirou, desviando o olhar por um momento antes de voltar a encará-la.

— Ofélia, não podes negar que o *timing* deste assalto foi peculiar.

— O que é que estás a insinuar? — perguntou, num tom frio.

Henrique estreitou os olhos, visivelmente desconfortável, e engoliu em seco antes de falar.

— Vamos lá, Ofélia. És a inspetora mais brilhante da unidade. Já me salvaste a pele vezes sem conta, sacrificaste até a tua própria vida. Não me digas que não pensaste nessa possibilidade?

O nó no estômago de Ofélia apertou-se.

— Estás a sugerir que o meu pai... que está neste momento no hospital a lutar pela própria vida... tem algo a ver com isto? — A sua voz vacilou, carregada de raiva.

— Ofélia, ouve... talvez não seja o teu pai diretamente. Mas alguém que trabalha para ele? Alguém que possa ter acesso ao laboratório? Talvez...

— Para! — gritou, mais alto do que pretendia, a voz ecoando pelo local do crime.

Henrique ficou imóvel, surpreso com a explosão. Ofélia respirava pesadamente, as mãos cerradas em punhos, tentando manter o controlo sobre a onda de emoções que ameaçava engoli-la.

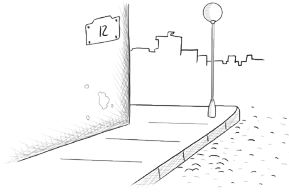
Sáira furiosa da cena do crime depois da conversa com Henrique. Sabia que ficar ali não a ajudaria a descobrir os canalhas que tinham colocado o seu pai no hospital.

Ao chegar à unidade, viu uma mensagem de Hans: *Acho que vais querer ver isto.*

Ansiosa por meter as mãos à obra, foi direta à cave. Em todos os anos de serviço, Ofélia podia contar pelos dedos das

ANA RITA GARCIA

Sonhadora incurável, adepta de cafés longos e de passeios à beira mar, nasceu em Lisboa, em outubro de 1988. Cresceu a usar o lápis para se expressar através de formas e palavras. Formou-se em Arquitectura, escondendo a paixão pelas letras até as histórias começarem a escorrer-lhe pelos dedos. Integrou a antologia *In/Sanidade* (Editorial Divergência), publicou «Colecionadora» no número 6 da revista literária *Palavrar* e tem vários contos na Fábrica do Terror. Em 2024, foi a vencedora do Prémio Ataegina para Conto Original, com «Os Acasos Improváveis de Mister Rayleigh».



RUA DA MEMÓRIA, NÚMERO DOZE

Estávamos numa tempestuosa tarde de novembro, e restava-lhe uma entrega. Apenas uma, e poderia considerar o dia de trabalho terminado. Apenas uma e poderia, por fim, ir buscá-la. Agitava-se impaciente no assento e trovejava entre dentes. Arreliava-o o trânsito, o mau tempo e o descaramento dos transeuntes, julgando-se donos de passagem prioritária ao procurarem abrigo para a chuva. Buzinou e ordenou uma cautela abafada por palavrões. Acidentes de trabalho apavoravam-no. Temia um destino semelhante ao de outros colegas, substituídos ao primeiro revés. A possibilidade de deparar de novo com o desemprego causava-lhe ansiedade, e a ausência de salário também. Principalmente agora.

A aplicação confirmou estar perto do destino: rua da Memória. Era a primeira vez que trabalhava naquela zona da cidade, não conhecia o trânsito, nem tampouco as manias da entidade controladora da mobilidade e estacionamento. Confiou poder encostar a carrinha ao passeio e acionou os quatro piscas. Certo de que seria rápido, supôs não causar transtorno. Saiu para recuperar a encomenda na parte traseira da carrinha, sem fazer tenção de se abrigar da chuva. As gotas caíam pesadas, frias, e a farda gasta, de tecido barato, ensopava rapidamente, contudo, ele estava absorvido

pela tarefa. A caixa de cartão, grande e pesada, tinha de ser carregada com ambos os braços e não o deixava ver o chão que pisava. Antes de se fazer ao caminho, conferiu o número do prédio na guia de transporte: procurava o número doze. Não atentando ao tráfego, galgou a estrada a passadas largas, esperando não inundar as botas. A chuva toldava-lhe a visão e a caixa impedia-lhe os movimentos. Pareceu precisar correr uma eternidade até alcançar o passeio oposto.

Descobriu o número doze escrito em algarismos de latão, encimando uma entrada nobre de pedra calcária. Era um prédio de um desenho requintado e decoração exuberante, uma arquitetura reservada a edifícios antigos, de rendas e proprietários dispendiosos. Abrigou-se no relevo da pedra já com a roupa, a caixa e as ideias encharcadas, e procurou novamente a guia de transporte. Verificou que a entrega deveria ser feita no décimo segundo andar. As campainhas do prédio, botões de plástico amarelecido, indicavam que cada piso era ocupado por três apartamentos: esquerdo, frente e direito. Apenas o último, o décimo segundo, era ocupado por apenas um. Não hesitou. Premiu o botão com força, sentindo o dedo grosso a entrar pela campainha adentro sem que qualquer resistência fosse oferecida. Funcionaria, porventura? Sorriu nervoso quando a estática do intercomunicador zumbiu e a porta se destrancou com um estalo seco. Bastava-lhe entregar aquela caixa e poderia correr para a sua filha.

A porta do edifício era composta por um emaranhado complicado de ferro e vidro, e pesava de acordo com a declarada extravagância. Não pensou. Empurrou a porta com as costas e entrou. Tentou adaptar a visão e compreender o espaço. Nenhuma luz automática se ativou. Na penumbra, discerniu um vestíbulo forrado a mármore. Um candelabro estranho, velho e fundido. Um cheiro húmido, que pouco tinha que ver com a chuva no exterior, picou-lhe o interior do nariz. Diante de si, uma escadaria monumental encaracolava-se, apresentando-se como o único elemento minimamente

iluminado por uma clarabóia que se adivinhava distante, algures acima do décimo segundo piso. Cada degrau parecia ser diferente do anterior, cada um deles talhado com mestria num mármore branco. Precisaria padecer de algum distúrbio mental para subir tudo aquilo a pé voluntariamente. Procurou cada canto do vestíbulo e lá o encontrou: um único elevador, tão velho quanto o próprio prédio, e de uma decoração tão intrincada como a da porta que o deixou entrar ali. Premiu o botão para o chamar, porém o óbito fora declarado há muito.

— Está avariado — informou uma pequenina voz nas suas costas, quase o fazendo largar a caixa.

Uma menina, mais baixa do que a sua cintura, de brinquedo nas mãos e com os cabelos loiros, enrolados em cachos, a refletirem a parca luz ambiente.

— O quê? — perguntou, ainda atrapalhado.

— Está avariado. Tens de ir pelas escadas.

Fingindo um agradecimento, e rezando para não ter uma multa à sua espera quando regressasse à carrinha, resignou-se a usar a escadaria. Abominava degraus irregulares, principalmente quando carregava uma caixa tão grande sem luz suficiente para o guiar. Tateou o primeiro degrau com a bota direita, para lhe sentir a forma, depois o segundo com a esquerda, para confirmar segurança, e só aí iniciou a marcha. O ritmo das suas botas a galgar o mármore era abafado pela chuva que bombardeava a clarabóia, num volume tal, fazendo-o crer ouvir trovões à distância.

Interrompeu a subida quando voltou a encontrar a criança à sua frente, vários degraus acima. Talvez tivesse serpenteado entre as suas pernas sem que se desse conta. Ria, divertida. Ele não conseguiu devolver a simpatia.

— A luz também está avariada?

A menina respondeu com mais uma risada e continuou a subir, acelerando o passo. Ele viu-a brincar com um pequenino cavalo, fazendo-o cavalgar pelo corrimão, enquanto cantarolava uma melodia que ele achava conhecer.

Surpreendeu-se com a rapidez com que perdeu o fôlego, algures entre o primeiro e o segundo piso. Culpou a caixa de cartão pesada e a roupa encharcada, mas sabia que o verdadeiro culpado era o desleixo. Recordou-se da sua menina, esperando-o, e forçou-se a redobrar o passo. Completando a última entrega do dia, poderia ir buscá-la. Só precisava chegar ao décimo segundo andar.

No lance de escadas seguinte, encontrou trepadeiras a descer pelo corrimão. Eram como cortinas verdes roçando-lhe no braço. Subiu mais um lance e pensou ouvir um outro adulto a marchar a passinhos pequeninos na escadaria, resmungando algures no que ele imaginava ser o terceiro piso. Percebeu também que perdera a menina de vista, quando ouviu uma voz cansada gritar:

— Quem vem lá?

Antes de responder, suspirou, temendo um atraso maior:

— Tenho uma entrega para o décimo segundo andar.

Subindo os degraus que lhe faltavam, achou-se entrado num jardim. Plantas arrumadas em vasos preenchiam o chão e penduravam-se do teto, transbordado corrimão abaixo e, surpreendentemente, também corrimão acima. A porta do terceiro direito encontrava-se aberta. De lá de dentro saiu uma senhora idosa de andar atrapalhado, costas curvadas e cabelo apanhado num carrapito.

— Ainda bem que aparece! Venha aqui dar-me uma mãozinha.

Desprevenido, não teve como recusar. A senhora já o arrastava por um braço (a ele e à caixa) para o interior do apartamento.

— É coisa rápida, vai ver. O senhor é novo e forte. A mim é que já me vai faltando a força para estas coisas...

Segurando a caixa contra o peito, ainda olhou uma última vez para a escadaria e encontrou a menina, outros tantos degraus acima, sentada, com o seu cavalinho nas mãos, observando-os ainda mais divertida.

O apartamento, perfumado a *pot-pourri*, parecia-se com um museu de relíquias de outra época. Relíquias essas que se encontravam à venda, nos dias que corriam, em lojas apelidadas *retro* a preços desconcertantes. Batalhões de bibelôs distribuíam-se pelas várias divisões e todas as superfícies planas haviam sido revestidas por naperãos de croché, que ele não duvidava terem sido realizados pelas mãos da proprietária. Na cozinha, encontrou um fogão, suportando tachos variados, um cheiro forte a refogado, e, no entanto, nenhum lume aceso.

— Veja lá, senhor, que se me acabou o gás, e agora não consigo fazer o jantar para mim e para o meu filho. Ele trabalha tanto, coitado, e chega sempre tão tarde. Desde que a mulher o largou que nunca mais se endireitou. Agora até arranjou um emprego jeitoso. Vamos lá ver se se aguenta...

Com a expressão distorcida, como se rebolasse a língua por um rebuçado amargo, pediu permissão para pousar a caixa molhada em cima da mesa e arregaçou as mangas:

— Precisa que lhe troque a bilha do gás?

— Pois, era isso mesmo, se me fizesse o jeitinho —, continuou a senhora, abrindo a porta do móvel onde se escondia a bilha vazia, e fazendo gestos para onde se encontrava a bilha cheia.

Pôs-se de cócoras e iniciou o pequeno serviço, porém não pôde tapar os ouvidos.

— É um bom rapaz, o meu filho. Mas lá se distraiu e perdeu tudo. Já se sabe que é pior para os homens do que para as mulheres. A gente controla-se mais. Aos homens, desce-vos o sangue todo para o meio das pernas e ficam burrinhos, salvo seja.

Quis fazer a troca depressa para não ter de continuar a ouvir uma mãe desculpar os atos ignóbeis do filho, no entanto, a senhora falava mais do que a pequena telefonia que jazia sem pilhas ao balcão.

— Tenho é pena da pequenina, sabe? Da minha netinha. Tão riquinha. Já a via tão pouco, agora, então...

— Já está — declarou, limpando as mãos às calças, depois de prender a rosca na segunda bilha.

A senhora testou o fogão e a chama apareceu.

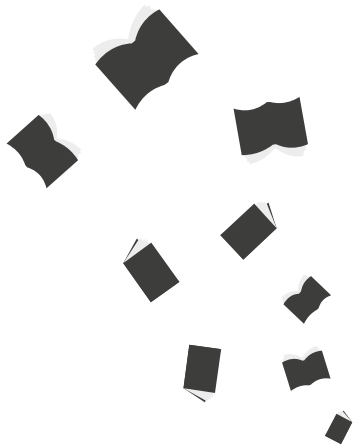
— Ai, que felicidade! — bradou, juntando as mãos diante do rosto. — Que Deus nosso Senhor lhe pague pelo bem que me fez.

O homem encolheu os ombros, atirou-lhe uma boa tarde e regressou à escadaria.

Também tornara à casa da mãe depois do casamento falhar. Culpava-se por ser novamente um fardo quando lhe devia aliviar o peso dos dias finais. Convencia-se de que falhara enquanto filho, não que a sua mãe o dissesse ou pensasse, pelo contrário, parecia apreciar a companhia na viuvez. Era apenas o seu âmagô e a sua masculinidade que eram afetadas e diminuídas a cada jantar preparado ou a cada roupa lavada. Sentia vergonha pela regressão, por a tomar como prova da sua inutilidade.

Continuou a subida na penumbra, tendo as trepadeiras e o som reconfortante da chuva como companhia. Cada degrau era como um mantra para se abstrair dos sentimentos que o consumiam. Chegar ao décimo segundo andar seria a derradeira meta do dia, a vitória que poderia celebrar com a sua filha.

Surpreendido, constatou que lhe caíam agora pingas frias em cima, primeiro na caixa, cada vez mais ensopada, e depois nos braços e na cabeça. Espreitando, viu que as pingas provinham da clarabóia, como se esta sucumbisse à força do mau tempo. O desgraçado do prédio estava a desfazer-se e, agora, a sua caixa também. Acelerou o passo novamente, só precisava de chegar ao décimo segundo piso. Quem lhe abrisse a porta pelo intercomunicador devia já estranhar o atraso, porém pouco importava. Só precisava que a entrega fosse feita. Arfando novamente, percebeu que não era apenas a chuva que ouvia. Identificou um choro grave, convulso. Ao



BENILDE SANTOS GAIÃO

Benilde Santos Gaião é natural de Elvas onde é professora de Inglês.

Licenciada pela Universidade de Évora, concluiu na mesma instituição o Mestrado em Criações Literárias Contemporâneas, especializando-se em Literatura Norte-Americana Contemporânea. A paixão pela escrita é a força motriz que a tem levado a participar em ações de formação subordinadas ao tema e em concursos literários, tendo sido distinguida por diversas vezes. Publicou o conto “A Dose faz o Veneno” na antologia *In/Sanidade* (Trebaruna).



DAMNATIO MEMORIAE, A CONDENÇÃO DA MEMÓRIA

— Ora bem! Muito me engano ou temos aqui uma pequena ladra! — escarneceu o homem forte e entroncado, enquanto revelava uma dentição amarelada e curva, que fazia lembrar a de alguns peixes que jaziam nas bancas do mercado.

Perante a visão opulenta, a criança estremeceu.

— Desculpe... foi sem intenção... — sussurrou, empalidecendo.

— Oh, não, não! Calma, não te queria assustar. Estás entre amigos... então não sabes quem eu sou? — perguntou sorrindo, sem disfarçar a soberba.

— Não, senhor... — respondeu a menina amedrontada, enquanto fechava a mão, comprimindo com força algo que surripiara da mesa da cozinha.

— Não sabes?! — admirou-se o homem que envergava uma batina negra até aos pés, típica dos jesuítas. — És nova aqui nas Trinas, verdade? Sou o padre Afonso. E tu, querida, qual é a tua graça?

— Sarah...

— Sarah... — repetiu o pároco, mastigando o nome —, e és muito gulosa... adivinhei?

A menina corou.

— Então já temos algo em comum! Eu também sou muito, muito guloso! — O sacerdote riu, ironicamente, sem desviar o olhar incisivo do ligeiro subir e descer daqueles seios pequeninos, que timidamente desabrochavam por debaixo do uniforme. — Este será um segredo só nosso, por isso não podemos falar aqui no corredor. Se nos ouvem, descubrem o que fizeste e não queremos que isso aconteça, pois não?

Sarah abanou a cabeça e disse a medo:

— Desculpe, senhor padre. Eu devolvo...

O jesuíta fingiu não ouvir e agarrou-a com força pelo braço.

— Chiu! Vamos ao meu gabinete! Anda! — ordenou com uma voz baixa e ríspida, despida da simpatia inicial.

Sarah fitou-o com terror. *Corre, fuge*, gritava a sua mente, tentando raciocinar rápido, enquanto o coração batia ainda mais acelerado. *Para onde?* — pensou, mas logo se lembrou da prisão labiríntica onde estava. Resignada, pregou os olhos no chão e seguiu o padre na penumbra do corredor.

Não!!! Não vás! Corre! Sacudida pelo susto, Helena, aos poucos voltou a si. Nunca tivera um pesadelo tão horrível. Aliviada por ter despertado, olhou para o relógio que marcava as seis horas e doze minutos. Desligou-o e levantou-se, pois sabia que já não conseguiria voltar a adormecer. Acendeu o candeeiro da mesa de cabeceira e estremunhada pareceu-lhe ver no chão uma nódoa que se movia veloz e agilmente, como se fosse uma barata ou outro rastejante. Olhou para debaixo da cama: nada!

Oriunda do Alentejo, Helena mudara-se para a capital recentemente. Ali cursava um mestrado em arquitetura, paixão que há uns anos se vira forçada a abandonar devido a dificuldades económicas. Entretanto, estas foram superadas graças ao altruísmo do padre António de quem, embora só tivesse conhecido pessoalmente no velório da sua mãe, desde criança ouvia falar.

Após enviuar, a tia Lídia, irmã da mãe, começara a trabalhar como governanta na casa do pároco, tratando-o sempre por "senhor padre" e com a devida deferência, procurando assim aparentar um distanciamento que todos sabiam ser postiço. Desde que se lembra, Helena sempre ouviu comentários maliciosos a esse respeito, vindos das pessoas da aldeia e até da própria mãe. Um dia, sem se recordar quando ou porquê, houve uma grande discussão entre as irmãs e desde então nunca mais se falaram.

Porém, a morte trouxe as tréguas. Como se tivessem vivido sempre uma relação de comunhão fraterna, a tia surgiu pesarosa no velório acompanhada pelo padre e assim que se encontrou diante da sobrinha, abraçou-a, desatando num grande pranto. Nos dias que se seguiram mostrou-se disponível para a apoiar em tudo e quando soube que a jovem tinha abandonado os estudos, arranjou logo uma solução.

— Resolve-se já filha! Não te apoquentes mais. A irmã do senhor padre tem um apartamento em Lisboa. Fica vago no final do mês, podes ir para lá... olha que é muito pequenino, mas...

— A sério, tia?! — interrompeu a jovem emocionada. — Oh, obrigada!

Para Helena, aquele alojamento, mais que um empréstimo, era uma dádiva, a única possibilidade de concretizar o seu maior sonho, portanto estava na hora de deixar para trás intrigas tolas e aceitar a generosidade da tia e do senhor padre, quiçá nascida da mágoa ou de algum remorso.

Esses eram sentimentos que não lhe eram estranhos. Reconhecera-os pairando no ar quando, uns dias antes, já na capital, deambulava pelo Cemitério dos Prazeres. Uma autêntica cidade, onde as ruas, becos, pátios e rotundas são galerias de um autêntico museu de *Art Nouveau*, com as obras dos maiores mestres: Teixeira Lopes, Simões de Almeida, Luigi Manini... E ali, como em qualquer outra urbe ou sociedade, era óbvia através da localização geográfica e da sumptuosidade

ornamental, a distinção social patente na grandeza da homenagem, fosse esta ditada pela saudade, pelo amor ou pela culpa. A cada passo lento que dava, Helena ia admirando a estética dos azulejos românticos, combinados com as frases poéticas dos epitáfios e, a partir destes, a sua mente solitária ia construindo narrações efabuladas de memórias e sentimentos que, tal como as flores ali depositadas, iam fenecendo e murchando.

Foi num desses cruzamentos que encontrou uma bolsa de pano cru, daquelas que se fecham puxando um cordão. Tinha o tamanho de uma folha de papel e um aspeto coçado que lhe dava um ar antigo, mas limpo. Helena aproximou-se. A bolsa estava a abarrotar de amêndoas com casca. Certamente alguém se teria esquecido ali dela, deduziu. *Mas quem é que traz amêndoas para um cemitério?! Que absurdo!* Pensou enquanto se baixou para a apanhar. Nela estavam bordadas as iniciais S.M.

Olhou com vagar e atenção em todas as direções e nada, nem viva! O cemitério estaria quase a fechar, por isso decidiu levar a bolsa na mão, quase ostensivamente, no caso de, ao caminhar até à saída, se cruzar com quem a pudesse ter ali esquecido. Tal não aconteceu, por isso levou-a consigo.

Na noite do terrível pesadelo, Helena tinha comido algumas amêndoas. *Isto há com cada uma!*, exclamou para si mesma, enquanto, ainda um pouco estremunhada, preparava o pequeno-almoço, *que noite tão mal dormida e que raio de coincidência! Se conto isto a alguém vão dizer que...* então lembrou-se do rastejante que parecia deslizar agilmente no chão do quarto. Com uma vassoura, foi até lá e varreu debaixo da cama. O que encontrou deixou-a boquiaberta.

— Como é possível?! — sussurrou perplexa, ao perceber que o que vira resvalar no chão era uma casca de amêndoa! Apanhou-a e, segurando-a entre os dedos, examinou-a minuciosamente como se ali estivesse a explicação racional para o estranho sucedido. Com mais espanto ainda, viu que uma das extremidades parecia humedecida, como se tivesse

um pouco de saliva. Pegou nela e atirou-a com determinação para o caixote do lixo. Não se deixaria afetar por contratempos nem se perder em trivialidades.

O corpo exausto pelo corre-corre citadino e o recente falecimento da mãe seriam certamente as causas daquele desgaste que a estaria a tornar mais volátil. Bem sabia que o facto de poder prosseguir com os seus projetos era uma oportunidade única e, por isso, devia focar-se nela, demonstrando gratidão àqueles que lha estavam a proporcionar: a tia Lídia e o senhor padre António. Como nunca tivera queda para a adulação, fazia-o de uma forma subtil, através da assistência regular à eucaristia, de telefonemas e visitas frequentes.

Dividida entre um trabalho de *part-time* numa cadeia de supermercados e os estudos, Helena seguia uma rotina agitada e madrugadora e, apesar do cansaço natural, sentia a palpitação radiante da felicidade.

Os dias decorriam iguais. De tal forma que, estranhamente, Helena foi-se apercebendo da ocorrência frequente dos números seis e doze, ou doze e seis nas ocasiões mais díspares: conversas casuais que ouvia na rua, contas de clientes no supermercado, nas horas, nas matrículas dos carros... Mesmo o relógio, na madrugada que acordara do pesadelo, marcava as seis horas e doze minutos. Não tinha associado de imediato, mas aquela imagem nítida surgia-lhe, de cada vez que os números ocorriam.

Fosse na solidão do pequeno apartamento, na universidade ou no trabalho, Helena procurava manter tudo dentro de uma normalidade controlada, embora, por ser tão recorrente, aquela coincidência começasse a tornar-se demasiado inquietante. Contar o sucedido a alguém ia lançar suspeitas sobre as fragilidades que procurava esconder. Quiçá, julgá-la-iam instável, incapaz de se adaptar às rotinas de uma grande cidade ou de abarcar as responsabilidades da vida adulta; porém, a verdade é que a jovem não tinha ninguém próximo com quem pudesse desabafar. Os seus pensamentos

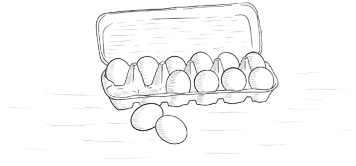
iam arquitetando razões que fundamentassem uma explicação sólida para a perturbação que a começava a assolar, mas todas elas se desmoronavam. No entanto, por motivos que desconhecia, no seu íntimo ecoava uma única certeza: o que quer que fosse estaria relacionado com o Cemitério dos Prazeres e com as amêndoas que lá havia encontrado.

Mas desde quando sou supersticiosa?! Agoirenta?! Pareço as velhas da aldeia! Raios! — pensou enraivecida; e, pegando em três amêndoas, partiu-lhes a casca e comeu-as, como se estivesse perante um desafio. De seguida, pegou nos apontamentos e encostou-se no sofá, a estudar. Passado poucos minutos, adormeceu.

Oh, não, não faça isso! Por favor, senhor padre, imploro por Deus... — gritava Sarah desesperada, esperneando com força. Com a mão sapuda de dedos grossos, o padre tapou-lhe a boca e imobilizou-a com o seu peso, deixando a descoberto um corpo alvo e gracioso. Abruptamente, a menina sentiu no seu sexo uma forte queimadura que, em segundos, se alastrava, dolorosa. Ainda que procurasse debater-se, a exaustão de uma luta desigual e o ar fétido que o jesuíta exalava da boca fizeram-na perder os sentidos. Atordoada, só voltou a si ao ouvir uma espécie de uivo vindo do padre que, em seguida, se levantou em silêncio e, sem olhar para ela, ajeitou a batina negra e saiu apressado do gabinete.

Não se sabe quanto tempo Sarah ficou ali prostrada. Quando, por fim, se conseguiu sentar, apercebeu-se das manchas de sangue nas vestes interiores e as dores tornaram-se ainda mais vivas. Cobriu as pernas desnudas como pôde e escondeu o rosto entre os joelhos, abraçando-os como se abraçasse a sua mãe, recentemente falecida. Não sabendo o que fazer, desatou a chorar copiosamente, até que sentiu alguém acariciar-lhe os cabelos.

— Então, minha filha, o que te aconteceu? Porque choras?



UMA DÚZIA DE OVOS

Emílio era demasiado alto para um homem tão tímido. Passava tardes inteiras a tentar fazer-se passar por muito mais pequeno do que realmente era. Mas as clientes da sua loja, com a determinação de comprar meio quilo de farinha, três cebolas, velas com cheiro a cedro ou cânfora para lançar mau-olhado, acabavam sempre por dar com ele, agachado entre a estante com as pedras semipreciosas e o jarro com pés de galinha.

A pior de todas era a Dona Elvira. Emílio não tinha inimigos — não tinha estômago para uma tal empreitada —, mas se algum dia ganhasse a coragem de nomear a sua némesis seria Dona Elvira. Tudo naquela mulher o assustava: a forma como escolhia as mercearias e as atochava no cesto, um pouco ao jeito de um saqueador em terras conquistadas; a mania de dizer “bom dia” entre dentes sobejamente cerrados, já a degustar as recriminações todas que se preparava para fazer; os “ai, ai” que ia largar enquanto ele, coitado, aniquilado, largava o saco de açúcar com os nervos, e ia buscar uma vassoura para limpar a asneira, como quem ia buscar a corda já pronta para se enforcar.

Dona Elvira tinha sido marechal de três exércitos noutra vida. E, pior, Dona Elvira sabia disso. Com apenas um metro e meio, Dona Elvira era mais alta do que ele.

— Bom dia — cumprimentou-o. E, um segundo depois, ao atentar na mancha de sopa que Emílio exibia na camisa que nem uma joia: — Ai, ai...

Não era um começo auspicioso. Emílio retraiu-se um bocadinho atrás do balcão. Contraíu os ombros até esconderem o pescoço, como quem amarrota um papel.

— Bom dia — respondeu ele, pouco convicto, com o seu sotaque que arranhava as consoantes.

Esperou, com paciência de mártir, que Dona Elvira desenrolasse a sua lista. Eram longas as listas de Dona Elvira. Para Emílio, tinham todo o potencial de uma tragédia em três atos, caso se enganasse num dos ingredientes, ou não acertasse na quantidade. Dona Elvira não era das bruxas mais poderosas daquele conventículo, mas era próxima da tia de Emílio, e já mais do que uma vez se tinha queixado da incompetência do sobrinho estrangeiro, na loja.

Emílio não era dali, como muitos gostavam de lhe lembrar. Nem se desenrascava mal, para alguém que só lá estava há dois meses, chegado numa noite de trovoadas com trouxas ensopadas, convencido de que naquela terra não chovia, porque a mãe, em delírios nostálgicos, só lhe falara dos dias felizes de verão que ali tinha passado, e se esquecera de lhe dizer que ali também se rapava invernos. Mas Emílio adaptou-se depressa: comprou umas botas, habituou-se ao mofo e aprendeu a passar dias sem ver o sol, enquanto praticava os encantamentos que viera estudar com as bruxas do sítio. Logo mostrou uma predisposição natural para as magias, e uma inclinação quase alarmante para o estudo — para desgosto da tia, a quem sempre agradara muito a ideia de dizer, um dia: “fui eu que fiz dele o feiticeiro que é hoje”; e que se via agora roubada de qualquer crédito.

Mas a língua daquela terra ainda lhe escapava. Tinha feito progressos, claro: quando chocava contra alguém na rua, já não trocava “as minhas sinceras desculpas” por “que te saia uma osga pelo cu”, o que, para dizer a verdade, tinha

sido um choque para o senhor Basílio, num fatídico domingo de manhã. Mas ainda tinha muito que melhorar. O sotaque traía-o a cada instante; não confiava numa única palavra que dizia, desconfiado de que o seu verdadeiro significado se escondia algures, a rir-se dele miudinho; e falava sempre em sussurros, com medo de dizer uma asneira demasiado alto. Falar naquela língua não era nada menos que tentar agarrar areia a esvaír-se entre os dedos.

O pior é que Dona Elvira sabia disso.

Fixava-o agora, com um dedo colado ao primeiro item da lista.

— Cem gramas de açafão.

Certo.

— Quartzito arrefecido ao luar.

Certo.

— Cera de uma abelha velha.

Certo.

— Olho de um morcego manco.

Desnecessariamente exigente, mas: certo.

— E uma dúzia de ovos.

Emílio congelou. Já tinha começado a adiantar serviço, a tirar a cera de abelha da latinha de bolachas de manteiga, onde a tia a guardava. Pousou lentamente a lata no balcão e fitou Dona Elvira.

— Uma... dúzia... de ovos?

— Sim, homem. Vais-me dizer que não têm, é?

Emílio sentiu o burburinho familiar do pânico. Começava sempre assim: um formigar que lhe vinha de dentro, lhe tolhia as entranhas, e se derramava num calor azedo pela nuca, pelo peito, pelo torso.

— Sim senhora, temos, claro; temos. Quer dizer, vou ali atrás verificar se... *tremos*. Temos.

E escapuliu-se pela porta por detrás do balcão.

Na segurança do outro lado, fechou os olhos e encostou-se à porta. Tinha aperfeiçoado a arte de dizer ‘sim, senhora’, quando a verdade era que ‘não, oh céus, não senhora, não’.

Respirou fundo uma vez, duas vezes, três vezes, e ganhou por fim a coragem para se lançar à aventura na despensa da loja. Ainda se conseguia mexer, já não era mau. Às vezes, quando vinha aquele bafo nauseabundo de medo, nem isso conseguia. Tinha de agir depressa, antes que as pernas cedessem e a cabeça se esvaísse numa respiração cada vez mais rara.

Sabia o que era açafraão e cera. A princípio tinha hesitado com a palavra “morcego”: soava-lhe à palavra para “passevite”, mas não fazia sentido, e, pelo contexto, conseguiu adivinhar o que era (Dona Elvira estava claramente a preparar um encantamento para afastar lesmas da horta, e para isso só mesmo olho de morcego, só não precisava de ser manco). “Quartzo”, também sabia. Mas “dúzia”? Que raio era “dúzia”?

Quando deu por si, tinha começado a resmungar entre dentes. Andou em passo aflito pelas estantes da despensa. Passou-as todas em revista. Vasculhou por tudo o que era caixa, frasco, cesto. Esmiuçou todas as etiquetas: ovos de codorniz; ovos moles; gemada; ovos de basilisco, de libélula, de esturjão e de canário; doce de ovos. Mas nada de dúzia. O fel do pânico começou a escorrer-lhe pela nuca, e as mãos, pálidas e esguias, ganharam o tremor dos condenados.

Lembrou-se, numa iluminação súbita, do cofre de ingredientes raros que a tia guardava numa salinha nas traseiras. Perfeito: uma dúzia, se ele nunca ouvira sequer a palavra, era decerto algum ingrediente precioso, cujo segredo era transmitido apenas entre bruxas experientes. Estaria decerto no cofre. Mas não era de acesso fácil: o cofre estava sempre trancado, e as traseiras eram guardadas por Bitoque, o cão *beagle* da tia.

Bitoque era uma alma nervosa, com uma tendência reprovável para guardar ressentimentos. A semelhança com o temperamento de Emílio depressa os tinha tornado companheiros inseparáveis. Emílio passava agora por ele com um sorriso aflito, uma festinha atrás da orelha esquerda, a preferida — de Bitoque, não de Emílio —, e a promessa de